

A era das fake news: boatos, desinformação e desonestidade na contemporaneidade¹

Betania MACIEL²

O horror visível tem menos poder sobre a alma do que o horror imaginado.

William Shakespeare

RESUMO

A teoria da Folkcomunicação ampliada, é a base para compreender processos comunicativos alternativos aos meios de comunicação hegemônicos, compreendendo ainda que lendas urbanas e boatos são reconfigurados através das tecnologias de informação e comunicação, incluindo as redes sociais e as ferramentas de comunicação instantânea como o Whatsapp. O estudo comparativo evidenciou o caráter dinâmica da comunicação, com a simplificação de fatos, a preocupação por bem-estar e segurança e a próprio caráter inquisitivo do ser humano como elementos que contribuem para a desinformação. Entretanto o caso mais recente da infodemia relacionada ao novo coronavírus mostrou o caráter político, ideológico e de favorecimento econômico que a desinformação assume, trazendo riscos para a convivência política e social.

PALAVRAS-CHAVE: Folkcomunicação; Fake News; Boatos; Pandemia; Desinformação; Desonestidade.

Rumores, boatos e a desinformação marcaram um fato passado em 1975 e Recife sobre a barragem de Tapacurá que supostamente havia estourado e que causaria grande destruição. A capital de Pernambuco, encontrava-se literalmente debaixo d'água devido às chuvas de inverno que a inundaram, paralisando serviços pararam, causando prejuízos e até mesmo mortes. E diante desta situação o boato causou pânico entre a população, num episódio lembrado e referenciado nos dias de hoje, especialmente quando os alagamentos se repetem. É a partir deste fato ocorrido há 47 anos que buscaremos avaliar o impacto da desinformação e dos boatos de um, comparando-os com a nova situação que é a pandemia do Covid-19, fortemente marcada pelo perigo da desinformação. Assumimos que não é apenas pelos canais tradicionais de comunicação

¹Trabalho apresentado no GP Folkcomunicação, XXII Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 45º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Doutora em Comunicação Social, professora titular da Faculdade de Ciências Humanas ESUDA. <betaniamaciel@gmail.com>

e informação – jornais, revistas, rádio, televisão, internet entre outros – que acontece a difusão da informação de caráter popular, mas também através dos grupos sociais que se comunicam através das expressões folclóricas, com a mensagem veiculada de horizontalmente e mediada por líderes de opinião. Atualizamos assim os estudos de Luiz Beltrão sobre a Folkcomunicação, a partir do momento que reconhecemos o papel das redes sociais digitais e aplicativos de comunicação pessoais como o Whatsapp para compreender como as lendas urbanas, os boatos e as *fake news* tomam seu espaço e se consolidam também entre as classes ditas subalternas.

A desinformação na produção de notícias falsas

O conceito de desinformação refere-se a informações falsas, imprecisas ou enganosas, *fake news*, boatos, lendas, projetadas, por indivíduos cheio de crenças, conhecimentos e valores que normalmente são recepcionadas por indivíduos que vão acumular informações, complementando seu conhecimento prévio sobre o assunto e desta forma as notícias apresentadas e promovidas intencionalmente, tendem a causar danos públicos ou obter lucro. Em todo o mundo, a desinformação está se espalhando e assumindo formas mais complexas, baseadas em técnicas emergentes de engano. Por isso, ela precisa ser compreendida e conhecida as inúmeras técnicas de estratégias de informação manipulativa. Isso reflete a aceleração da tecnologia de informação e comunicação no processo de aprofundamento das notícias falsas, campanhas de desinformação direcionadas e cada vez mais sofisticadas variadas e eficazes, como um fenômeno em espiral.

E não se trata de um fenômeno novo, pelo contrário:

O boato, como se sabe, é o único meio de comunicação que não pode ser controlado pelos poderosos. Não importa quanto feroz seja a ditadura, um boato sempre se espalha – sem controle, sem limites, sem censuras. Pode até ser falso, mas é sempre sintoma de algo maior que uma simples; notícia sem fundamento. [...] Que ninguém se engane: boatos são verdadeiras força da natureza – capazes de causar estrago tanto numa metrópole americana quanto numa cidade francesa da época da Revolução ou numa capital do Nordeste Brasileiro (MORAES NETO, 2015, s. p.).

A desinformação se espalhou rapidamente com o surgimento das mídias sociais. Em diferentes regiões do mundo as pessoas estão preocupadas com o aumento da polarização e mais interferência em questões políticas e de impacto social. Os produtores das notícias falsas, utilizam como ponto chave assuntos relacionados a situações ou figuras públicas, que de uma

forma ou de outra estejam relacionados às questões sociais. Ela pode confundir e manipular os cidadãos; criar desconfiança em normas, instituições, comprometendo até mesmo acordos democráticos; já vimos isto em relação as ações que podem perturbar eleições; ou alimentar a descrença nos principais desafios, como as mudanças climáticas e a questão da preservação do meio ambiente, mas é importante reconhecer que as *fake news*, não pode ser considerada notícia jornalística, pois fere os princípios éticos do fazer jornalístico, quando deturpa, adjetiva, exagera os fatos, em sua maioria os que possuem notoriedade e notabilidade, pondo em dúvida o conteúdo veiculado.

Fica nítido como o Facebook e o Twitter, além dos sites de busca, a exemplo do Google, aceleraram e fortaleceram a era da pós-verdade. Isso se deu por pelo menos dois motivos. O primeiro tem a ver com um incremento de velocidade, alcance, eficácia e escala. Vários levantamentos mostram que as notícias fraudulentas repercutem mais do que as verdadeiras. E mais rapidamente. Há também pesquisas que mostram que as *fake news* arrebata as amplas massas de um modo acachapante, num grau jamais atingido pelos meios jornalísticos dito convencionais. O segundo fator é econômico. Notícias fraudulentas dão lucro (...) Como a mentira é fácil de produzir e desperta o furor das audiências, um dos melhores negócios da atualidade é noticiar acontecimentos que nunca aconteceram de verdade – e que, mesmo assim, despertam emoções fortes nos chamados internautas (BUCCI, 2018, p.36-37).

Dessa forma, o saber popular em confluência com as redes sociais digitais, o papel dos agentes folkcomunicaçãois, particularmente o ativista midiático, assim como uma concepção de Folkcomunicação Científica voltada para a “resistência” e a para “insistência”, marcada pelo envolvimento do receptor nos processos comunicacionais, estabelecem os referenciais para futuras pesquisas empíricas que evidenciem as práticas e estratégias comunicativas dos grupos vulneráveis e socialmente marginalizados num contexto pandêmico. O protagonismo de grupos e pessoas que se manifestam através das expressões populares, em canais alternativos de comunicação pode colaborar com o desafio comunicacional imposto pela pandemia do Covid-19 que se revela não somente no problema de circular informações de caráter científico de natureza incerta para a população geral, como de enfrentar a polarização ocasionada pela disseminação de informações falsas, calcadas no negacionismo científico.

Desinformação é uma informação falsa ou imprecisa cuja intenção deliberada é enganar. No contexto da pandemia atual, pode afetar profundamente todos os aspectos da vida e, mais especificamente, a saúde mental das pessoas, pois a busca por atualizações sobre a COVID-19 na Internet cresceu de 50% a 70% em todas as gerações. Em uma pandemia, a desinformação pode prejudicar a saúde humana. Muitas histórias falsas ou enganosas são inventadas e compartilhadas sem que se verifique a fonte nem a qualidade. Grande parte dessas desinformações se baseia em teorias conspiratórias; algumas inserem elementos dessas teorias em um discurso que parece convencional. Estão circulando informações imprecisas e falsas sobre todos os aspectos da doença: como o vírus se originou, a causa, o tratamento e o mecanismo de propagação. A desinformação pode circular e ser absorvida muito rapidamente, mudando o comportamento das pessoas e possivelmente levando-as a correr riscos maiores. Tudo isso torna a pandemia

muito mais grave, afetando mais pessoas e comprometendo o alcance e a sustentabilidade do sistema global de saúde. (PAHO, 2020, p.2).

Quanto mais esse fenômeno se expande globalmente e quanto mais multifacetado se torna, mais necessário é abordar não apenas a dimensão de conteúdo da desinformação, mas simultaneamente as táticas de influência manipuladora que a acompanham, no caso da pandemia de Covid-19, vimos todo um arsenal político, montado para confundir e difundir contradições sobre a saúde e o caos que estava se expandindo. Também é importante entender que estas motivações foram construídas tendo como base a desinformação política, financeira ou reputacional, para construir influência e desta forma, para que possam ser abordadas com mais eficácia.

Relembrando Tapacurá, a represa que (não) estourou

Para compreender os processos de desinformação, partimos da análise de um fato antigo, a saber as notícias “paralelas” veiculadas por ocasião do boato que a barragem de Tapacurá, situada no município de São Lourenço da Mata, na Região Metropolitana de Recife, teria rompido e com isso servindo para criar pânico e desespero na população. Desta forma, entender este processo de ressignificação das lendas no âmbito do processo da globalização no caso onde vamos comparar este fato com o fato da pandemia de Covid-19, no mundo e a falta de informação/desinformação, que trouxe prejuízos à população, considerando que o *modus operandi* do boato é justamente conduzir a população através de suas emoções, na maioria das vezes movendo-os através do medo, neutralizando a sua racionalidade.

Diversas implicações surgem a partir da recepção das mensagens/boatos e as formas de subjetividades humanas, referentes a estes fatos tornam-se imensuráveis, desenvolvendo sentimentos, inclusive de medo e insegurança, acabam por gerar uma situação de terror, causando desastre que somados à realidade do fato, torna-se necessária o uso de forças de controle do poder público. Mas como tudo começou?

“Ficou tudo inundado. A água só começou a baixar no outro dia, mas a cidade ficou destruída, lembra a aposentada Maria Helena das Neves, 83 anos. Não estava chovendo, era um dia de sol lindo. Mas o Rio Capibaribe foi subindo e atingiu seu pico máximo. A população ficou incrédula. Ninguém acreditava que a água chegaria àquela altura, conta o historiador Leonardo Dantas. Até hoje, não esqueço aquele dia. Foi horrível, arremata a moradora”. (Gênesse Freire, 80 anos).
(Disponível: <https://g1.globo.com/pernambuco/noticia/2015/07/quarenta-anos-apos-maior-cheia-recife-ainda-sofre-com-alagamentos.html>).

Foram as *fake news* ou notícias falsas, sendo esta uma percepção da informação errada sem aplicativos de mensagens. Estas mensagens muitas vezes até ingênuas ou veiculadas de maneira deliberada, onde seus efeitos contribuem negativamente para diversos aspectos da vida

cotidiana, este conceito que atualmente é estudado como *fake news*, marca um dos momentos mais emblemáticos sobre boatos, na história de Pernambuco. Até hoje o assunto promove estudos acadêmicos, como também rende boas conversas nos ambientes informais. Um fato que faz parte do imaginário popular pernambucano.

“Quer dizer...o boato de que a barragem supostamente rompeu. É claro que o contexto influenciou bastante: as grandes chuvas ocorridas no período, e conseqüentemente os grandes alagamentos, reforçaram a ideia de que a barragem construída para diminuir os riscos de enchente tinha rompido. Então, querido leitor e leitora, pense na agonia e o desespero das pessoas imaginando o “rolo d’água” chegando! Parecia esses O rompimento da barragem de Tapacurá, parecia filmes de Hollywood que mostram algum cenário apocalíptico”.

Disponível: (<https://g1.globo.com/pernambuco/noticia/2015/07/quarenta-anos-apos-maior-cheia-recife-ainda-sofre-com-alagamentos.html>).

Mas por que os recifenses seriam levados a crer que Tapacurá havia estourado? No final de semana anterior à segunda-feira na qual o boato surgiu a cidade já havia sido castigada por uma enchente, deixando a população em estado de alerta e, portanto, vulnerável a uma notícia falsa. Segundo o Diário de Pernambuco dos dias 17 e 18 de julho de 1975, 80% da cidade ficou submersa com a morte de 107 pessoas. Ainda segundo o jornal 31 bairros da capital ficaram submersos, a rede elétrica foi cortada em 70%, quase todos os Hospitais ficaram em baixo d’água. O Recife ficou isolado do resto do país durante dois dias. Pontes foram danificadas, como a Ponte da Boa Vista, que possui na cabeceira da Rua da Imperatriz uma placa da Prefeitura do Recife, informando restauro depois da cheia. (<http://falhistoria.blogspot.com/2010/11/tapacura-estourou.html>).

Cabe notar que havia uma expectativa de que a barragem de Tapacurá, finalizada dois anos antes, sendo alardeada pelos meios de comunicação como uma solução para os problemas de abastecimento de água, mas também como um ponto final para as enchentes: “Tapacurá era uma luzente esperança de que o pesadelo de cheias tinha enfim acabado” (FONSECA, 2015, p. 79). Contudo, quando veio a “catástrofe do século” em 1975, embora a represa tenha se mantido intacta, não foi capaz de conter o grande volume de chuvas. Tal quebra de expectativa ajuda a explicar como surgiu o boato e o jornalista Homero Fonseca dedicou-se a registrar e recontar o evento:

Eu trabalhava na sucursal do Estadão, que ficava na Rua Gervásio Pires. Estávamos na redação, eu e meus companheiros de trabalho, discutindo sobre a cobertura da cheia do final de semana - o balanço de vítimas, prejuízo, essas coisas de pauta. Foi quando ouvimos um barulho grande na rua, uma gritaria enorme e nós descemos. Era gente pra burro, correndo com os olhos “abuticados”. Perguntei a uma mulher que passava correndo o que tinha acontecido e ela disse ‘Tapacurá estourou’. Pensei ‘Lascou!’. Nessa hora fiquei um pouco assustado, pensei em

correr para Olinda, que era alto, quando Carlos Garcia, chefe da sucursal e mais experiente, disse ‘Epa! Calma aí gente!’ Vamos confirmar esse negócio’. Então assistimos um pouco a correria e fomos apurar o que estava acontecendo (FONSECA, 2015, p.145).

Para uma parte da sociedade, acostumada a reconhecer como verdadeiro o que era publicado na mídia, sem possuir um olhar crítico, causou confusão e possibilitou o agravamento da notícia falsa, como o próprio nome o define, atualmente chamada de *fake news*, assim a tradicional relação existente entre a sociedade e a notícia transformou-se, considerando que o que era veiculado pelos meios de comunicação de massa, não era questionado pelo público, entendendo que a notícia jornalística sempre esteve ligada a verdade de forma neutra e imparcial. A grande responsável por esta transformação é a internet, que levou as pessoas no geral a possibilidade de produção de seus próprios conteúdos dentro dos espaços midiáticos.

Figura 1



Foto:
Avenida

Guararapes. Pânico coletivo no Recife. Boato que a Barragem de Tapacurá tinha estourado gera pânico no Recife. 10h do dia 21 de julho de 1975. DP 17.07.2005 (<http://falhistoria.blogspot.com/2010/11/tapacura-estourou.html>).

Figura 2



Foto: Desespero também na periferia. As pessoas fugiam com medo de uma tragédia fictícia

Em 1975, no Recife, a população escandalizava-se devido a boatos que corriam nos ouvidos das pessoas através do boca a boca. Causando pânico em toda a cidade. Pacientes de hospitais, moradores do centro do Recife e trabalhadores, fugiam e corriam para salvar suas vidas de um provável rompimento da barragem de Tapacurá. Os gritos eram: "*Tapacurá estourou!* Causando pandemônio e medo em todo o Recife" (FONSECA, 2000, p. 87).

Figura 3



Foto: Estrada dos Remédios – década de 70

Figura 4



Foto: Ilha do Retiro

Figura 5



Foto: Região Metropolitana do Recife

Ainda pela manhã, uma multidão corria de um lado para outro sem saber aonde ir; mulheres desmaiavam; os carros não respeitavam sinais nem contramão; guardas

de trânsito abandonavam seus postos; várias pessoas foram atropeladas; bancos, casas comerciais e a agência central dos Correios fecharam as portas; no Hospital Barão de Lucena várias pessoas pularam do primeiro andar; enquanto o boato se espalhava de boca em boca (ANDRADE, 2009, p. 45).

Após duas horas de incertezas e confusão, o governador do Estado José Francisco de Moura Cavalcante empenhou-se em desfazer o equívoco, declarando publicamente que caso a barragem realmente tivesse estourado não estaria ali fazendo o comunicado; também solicitou a todos presentes e às autoridades que auxiliassem no sentido de desfazer o boato.

Figura 6



Barragem de Tapacurá

Esta foi a dimensão de um boato, lembrado até os dias de hoje. Na atualidade, a população do Recife ainda está sujeita a enchentes e alagamentos, mesmo com a conclusão do sistema de represas de Tapacurá. As condições de ocupação socioespacial, a junção de uma topografia plana frente a alta da maré e o volume de chuvas no inverno coincidem para uma situação de vulnerabilidade (MOREIRA, 2015). E por tais motivos, o boato de Tapacurá é “requeitado”, como ocorreu recentemente no contexto das chuvas que ocasionaram uma tragédia, com mais de 128 mortos; contudo, o boato agora foi disseminado nas redes sociais (VALENÇA, 2022).

Combatendo o Covid-19...e também a desinformação

A desinformação ligada ao Covid-19 já é evidente, ameaçando não apenas os indivíduos, mas as sociedades como um todo. Isso leva as pessoas a se colocarem em risco ao

ignorar os conselhos científicos, aumentando a desconfiança nos formuladores de políticas e nos governos e desviando os esforços dos jornalistas para a refutação reativa de falsidades em vez da divulgação proativa de novas informações.

O ambiente proporcionado por uma condição de inércia por parte da população que ao confiariam nas informações falsas, divulgavam tanto nas redes sociais como nos boatos através das conversas e os conteúdos destas conversas passam a circular de maneira mais rápida, tanto pela curiosidade e pela sede de informação, como o veículo de informação que tem características de velocidade e longo alcance e a falta de informação integrada sobre iniciativas de solidariedade face à pandemia gerando a “poluição informacional” (LEITE e MATOS, 2017).

O isolamento social trouxe grandes tribulações para a vida das pessoas mais ativas, adolescentes acostumados a chafurdar-se (*sic*) nos seus quartos não perceberam que não poderiam sair de lá tão cedo. Enquanto isso, idosos, que deveriam estar quietos em casa, estavam nas ruas buscando a atividade que os fazia sentir-se vivos. Acabaram-se os bailes, esvaziaram-se as piscinas, fecharam-se os bares, levaram-se os livros, trancaram-se os portões das escolas. Viram-se idosos adoecerem, viu-se crescer o número de pessoas com o que seria o mal do século, a depressão, pais desesperados com os filhos em casa, falta de alimento nas mesas, deterioração da condição mental dos professores e uma desestrutura fenomenal no processo educacional. (OLIVEIRA, SILVA e PEREIRA, 2018, p.45).

Colocando todo mundo de forma insegura, considerando que as motivações para a desinformação são várias, como ganhar dinheiro, obter vantagem política, minar a confiança, transferir a culpa, polarizar as pessoas e confundir as respostas à pandemia.

Segundo Castells (2018, p.46), “os ventos do novo mundo conduzem a uma galáxia de comunicação dominada pela mentira, ao que alguns agora denominam de pós-verdade”. A desinformação pode ser compartilhada por indivíduos, grupos organizados, alguns meios de comunicação e canais oficiais – intencionalmente ou não. A chamada desinformação na pandemia, muitas vezes esconde falsidades entre informações verdadeiras e é disfarçada por formatos caracterizados pelo local, onde as pessoas circulam, desta forma, adaptando a informação falsa ao local onde se faz a divulgação do boato.

Notícias enganadoras têm maior probabilidade de serem apresentadas de uma localização remota, de se incluírem em tópicos propícios ao sigilo das fontes, de saírem na primeira página ou na capa, de conterem um maior número de fontes, mais diversas e mais difíceis de rastrear” (RUBIN, CONROY e CHEN, 2015, p. 57).

O resultado é que a desinformação sobre o Covid-19 afeta o conteúdo em geral, incluindo conteúdo sobre a origem, disseminação e incidência da doença, sintomas e tratamentos e respostas de governos e outros apoiadores. A pandemia do Covid-19 intensificou

essas tendências e problemas. As iniciativas, surgidas majoritariamente de maneira informal, mas que trazem problemas estruturais.

Nesse novo padrão o que se constata é uma mudança na periferia da rede através do aumento de possibilidades de conexão entre os indivíduos. O advento de redes e dispositivos móveis, por exemplo, criou um efeito de crescimento exponencial de emissores, diversificando canais de transferência de informação e possibilitando uma mudança estrutural significativa na morfologia da rede e, conseqüentemente, alterando a influência que tal configuração exerce no ambiente social (SANTOS, 2020, p. 97).

O populismo das redes sociais e uso de ferramentas de comunicação pessoal instantânea como o *Whatsaps* é apresentar de maneira mais simples e acessível, simplificando os fatos que politicamente não interessam ao grupo que produz a notícia, objetivando o fortalecimento da desinformação, excluindo totalmente e propositalmente os fatos de relevância, para o bem-estar e segurança da sociedade. Diferentemente do jornalismo veiculado pela mídia.

O jornalismo tem como tarefas revelar a complexidade, a nuance e o paradoxo da vida pública, desmascarar a transgressão e -o mais importante de tudo-regar as raízes da democracia com um fornecimento constante de notícias confiáveis (D' ANCONA, 2018, p.45).

Pode-se dizer que o jornalismo forneceria garantias de sua credibilidade justamente ao cumprir com o papel que lhe é designado, no sentido de que “a finalidade do jornalismo é produzir relatos sobre o mundo e sobre o homem, de acordo com critérios de notabilidade e relevância e utilizando estratégias para justificar a veracidade do que se diz.” (Lisboa, 2012, p. 27).

A pandemia desencadeou novas campanhas de desinformação, mais intensas e cada vez mais variadas em todo o mundo. Muitos regimes não democráticos usaram a pandemia para reprimir a oposição política, restringindo a liberdade de expressão e a liberdade da mídia.

Para compreender o alarme causado pela pandemia, bem como a reação das autoridades públicas e dos cidadãos, é importante conhecer o número de infecções que causaram a morte de tanta gente no mundo. A Covid-19 compõe tanto a ameaça da desinformação aos direitos humanos internacionais, por um lado, quanto os perigos da contra desinformação servindo a agendas antidemocráticas, por outro.

O que verificamos hoje é que o poder das redes sociais se equivale ao que Bourdieu (1997), referia-se ao poder televisão e sua influência e convencimento sobre questões que mobilizam a sociedade:

A potenciação desse perigo ocorre em virtude do fato de que o poder de “evocação” exercido pela mídia tem efeitos de “mobilização”. A mídia pode fazer existir ideias ou representações, mas também grupos. As variedades, os incidentes ou os acidentes cotidianos podem estar carregados de implicações políticas, éticas etc. Capazes de desencadear sentimentos fortes, frequentemente negativos, como o

racismo, a xenofobia, o medo ódio do estrangeiro, e a simples narrativa, [...] implica sempre uma construção social da realidade capaz de exercer efeitos sociais de mobilização (ou de desmobilização) (BOURDIEU, 1997, p. 37).

A comunicação é um processo dinâmico, funciona para uma maior interação e fortalecimento das relações sociais, a busca de informações é inerente ao ser humano, a curiosidade, o interesse pelos fatos, portanto, a veiculação de boatos e *fake news*, fazem parte destas manifestações informais, independentemente de raça, crença, porquanto no homem o desejo de saber é inato. As diversificações na busca da informação e do conhecimento, seguem de acordo com caracteres e potenciais humanos, originários de sua formação intelectual.

O homem, em seu ato de conhecer, conhece a realidade vivencial, porque se os fenômenos agem sobre os seus sentidos, ele também pode agir sobre os fatos, adquirindo uma experiência pluridimensional do universo. De acordo com o movimento que orienta e organiza a atividade humana, conhecer, agir, aprender e outros conhecimentos, se dão em níveis diferenciados de apreensão da realidade, embora estejam inter-relacionados. (PEREIRA et al., 2018 apud TARTUCE, 2006, p.5).

O tema sobre o fato da represa de Tapacurá, rendeu na época bastante material e até hoje podemos conhecer sobre este fato, em livros, sites, revistas e até mesmo em folhetins, produzidos de maneira artesanal e isso passado 47 anos, comparado com o fato atual da Covid-19, apesar de ser um assunto a velocidade da notícia colocou as pessoas a par do que estava acontecendo no mundo.

Considerações

Nunca estudou-se tanto sobre desinformação e *fake news*, ao mesmo tempo entender a força e a importância que os estudos, pesquisa e a universidade, encontrarem-se neste cenário de negacionismo, morte e perseguição. O conceito de desinformação refere-se a informações falsas, imprecisas ou enganosas projetadas, apresentadas e promovidas intencionalmente para causar danos ao público ou obter lucro. A desinformação se espalhou rapidamente com o surgimento das mídias sociais. Em diferentes regiões do mundo as pessoas estão preocupadas com o aumento da polarização e mais interferência em questões políticas e de impacto social.

Conforme foi observado neste estudo, os produtores das notícias falsas utilizam como ponto chave assuntos relacionados a situações ou figuras públicas, que de uma forma ou de outra estejam relacionados às questões sociais. A desinformação pode confundir e manipular os cidadãos; criar desconfiança em normas, instituições, comprometendo até mesmo acordos democráticos; já vimos isto em relação as ações que podem perturbar eleições; ou alimentar a descrença nos principais desafios, como as mudanças climáticas e a questão da preservação do meio ambiente, mas é importante reconhecer que as *fake news* não podem ser consideradas

notícias jornalísticas, pois ferem os princípios éticos do fazer jornalístico, quando deturpa, adjetiva, exagera os fatos, em sua maioria os que possuem notoriedade e notabilidade, pondo em dúvida o conteúdo veiculado.

Quanto mais esse fenômeno se expande globalmente e quanto mais multifacetado se torna, mais necessário é abordar não apenas a dimensão de conteúdo da desinformação, mas simultaneamente as táticas de influência manipuladora que a acompanham, no caso da pandemia de Covid-19, vimos todo um arsenal político, montado para confundir e difundir contradições sobre a saúde e o caos que estava se expandindo. Também é importante entender que estas motivações foram construídas tendo como base a desinformação política, financeira ou reputacional, para construir influência e desta forma, para que possam ser abordadas com mais eficácia.

A “infodemia” do Covid-19 levou a um aumento nas notícias falsas sobre fraudes, pseudociência e teorias da conspiração, gerando desconfiança nas instituições públicas e colocando vidas em risco. A maior parte da desinformação espalhada durante a crise do Covid-19 foi um conteúdo reconfigurado, falso ou enganoso, vindo de figuras públicas proeminentes. A pandemia exacerbou tendências preexistentes de interferência estrangeira, mas também desencadeou novas dinâmicas e antigas formas de pensamento que ficaram durante muito tempo recluso em pensamentos e ações de pessoas que de uma certa forma não tinha como comentar sobre situações bizarras e grotescas, pessoas politicamente incorretas tanto na prática como na teoria. Nesta aceleração da desinformação, as empresas de tecnologia tornaram-se mais poderosas na formação da opinião pública, mas também atores políticos com uma responsabilidade essencial nas respostas globais à desinformação. Alguns regulamentos que visam a desinformação durante a pandemia envolveram novos limites à liberdade de imprensa e ferramentas de censura que provavelmente persistirão além da crise do Covid-19.

O papel do enquadramento da mídia está atraindo significativa atenção acadêmica entre os estudiosos. Podemos considerar que três grupos estão envolvidos nas respostas à desinformação: órgãos legislativos e reguladores, setor privado (plataformas digitais) e sociedade civil. Consideramos que estes grupos podem ser os responsáveis pela desinformação; visando o uso das técnicas disruptivas utilizadas; outros visam promoção da resiliência dos cidadãos à desinformação e desta forma, como já falou um ministro de Estado desafortunado, “deixa a boiada passar”, mas, a resistência dos grupos populares, através das manifestações de ruas e o papel do ativista neste processo, que é trazer a informação, e também a liderança das universidades através da ciência, trazem à tona o que é real. Separa o que *fake* do que é fato. Entender que a arte e a ciência salvam, através do rompimento desse processo de desinformação.

A representação midiática do que acontece na sociedade é resultado de movimentos significantes, que mobilizam. Os meios outorgam relevância a uns determinados temas e ocultam outros, desta forma influem no público assinalando quais assuntos terão que ter mais destaque.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Maria do Carmo. “*Tapacurá estourou!*” Pesquisa Escolar *On-Line*, Fundação Joaquim Nabuco, Recife. Disponível em: http://basilio.fundaj.gov.br/pesquisaescolar/index.php?option=com_content&view=article&id=806&Itemid=1 . 2009.

BOURDIEU, Pierre. *Sobre a televisão*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 1997.

BUCCI, Eugênio. *Enredamentos sociais*. Revista da ESPM, Edição 110, p. 34-39. 2018.

CASTELLS, Manuel. *Ruptura: a crise da democracia liberal*. Rio de Janeiro: Zahar, 2018.

FONSECA, Homero. *Tapacurá: Viagem ao planeta dos boatos*. Recife: CEPE. 2015.

LEITE, Leonardo Ripoll Tavares; MATOS, José Claudio Morelli. *Zumbificação da informação: a desinformação e o caos informacional*. Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação, v. 13, n. 00, p. 2334-2349. 2017.

LISBOA, S. *Jornalismo e a credibilidade percebida pelo leitor: independência, imparcialidade, objetividade, honestidade e coerência*. Dissertação de Mestrado – UFRGS. Porto Alegre. 2012.

MORAES NETO, Geneton. Uma expedição ao incrível planeta dos boatos. In: *Tapacurá: Viagem ao planeta dos boatos*. Recife: CEPE. 2015

MOREIRA, Maria de Fátima. *Tapacurá estourou: a vulnerabilidade da cidade anfíbia (Recife PE) aos episódios de inundações e o bairro da Madalena*. Tese de Doutorado. Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2015.

OLIVEIRA, H. F. M. de, SILVA, R. F. da, & PEREIRA, V. A. Ways of learning in times of pandemic: Deficiencies and the importance of digital inclusion for public school students. *Research, Society and Development*, 10(7), e53410716610. <https://doi.org/10.33448/rsd-v10i7.16610> . 2021.

PAHO. Entenda a infodemia e a desinformação na luta contra a Covid-19. [https://iris.paho.org/bitstream/handle/10665.2/52054/Factsheet-Infodemic_por.pdf?sequence=14#:~:text=The%20Lancet%202020%20Feb%3B395\(10225\)%3A676](https://iris.paho.org/bitstream/handle/10665.2/52054/Factsheet-Infodemic_por.pdf?sequence=14#:~:text=The%20Lancet%202020%20Feb%3B395(10225)%3A676). 2020

PAIM, R. M. Q.; Nehmy, I. *A desconstrução do conceito de qualidade da informação*. Ciência da Informação, Brasília, v. 27, n. 1, p. 36-45, jan./abr. 1998. Disponível em: Acesso em: 18 ago. 2017.

PEREIRA, A. S. et al. *Metodologia da pesquisa científica*. (pp. 3-9). 2018.

PINHEIRO, M. M. K.; BRITO, V. P. *Em busca do significado da desinformação*. Data Grama Zero, Rio de Janeiro, v. 15, n. 6. 2014.

RUBIN, V., Conroy, N. & Chen, y. *Towards News Verification: Deception Detection Methods for News Discourse*. In Proceedings of the Hawaii International Conference on System Sciences (HICSS48) Symposium on Rapid Screening Technologies, Deception Detection and Credibility Assessment Symposium, Janeiro 5-8 Grand Hyatt, Kauai. <https://doi.org/10.13140/2.1.4822.8166>. 2015.

SANTOS, Márcio Carneiro dos. *Desconexão e Reconexão Algorítmica: Contágio e Limiar Social como Lógicas de Influência no Ambiente Digital*. In: TOURAL, Carlos; CORONEL, Gabriela; FERRARI, Pollyana (Orgs.). *Big Data e Fake News na sociedade do (des)conhecimento*. 2ª Edição - Aveiro: Ria Editorial, p. 89-109. Disponível em: <http://www.riaeditorial.com/index.php/big-data-e-fake-news-nasociedade-do-desconhecimento/>. 2020.

VALENÇA, Juliana. Tapacurá estourou? Veja como está a barragem de Tapacurá hoje, 04/06? NE 10, 4 jun. 2022. Disponível em: <https://ne10.uol.com.br/noticias/2022/06/15020172-tapacura-estorou-veja-como-esta-a-barragem-de-tapacura-hoje-04-06.html>. 2022.